

Interpretações das *Mil e Uma Noites*

(orig.: conferência - organizada por Aida Hanania - para o Centro de Estudos Árabes da USP, na "Semana de Cultura Árabe", realizada em Junho de 1986. Transcr. Cecília N. Adum)

Jamil Almansur Haddad¹



A facilidade de falar sobre as *Mil e Uma Noites* decorre, antes de mais nada, do carácter infinito dessa produção, que nos faculta imenso material de pesquisa e de observação. Acontece, porém, que precisamente esse carácter infinito é, também, sua grande dificuldade: como sintetizar, como condensar?...

Naturalmente, uma conferência não pode pretender o carácter de enciclopédia; limitamo-nos, pois, a extrair alguns ítems, alguns títulos reveladores, e, quem se interessar - interessar é sinónimo de amar - que prossiga por sua conta.



O reitor Goldemberg abre a *Semana*. À esq.: Aida Hanania.
À dir.: Antônio Houaiss e Helmi Nasr.

Partirei da figura central: Chahrzad, que é a musa, a figura central da obra. E ao pensar em Chahrzad, lembro-me imediatamente de Ester, de Judite, de Joana D'Arc, de Mata Hari, de Afrodite, e da Nicarágua. Mas por quê? Que tem que ver uma cousa com outra? Tem que ver, porque tudo se liga, tudo se une, tudo se continua, ou, como o espanhol gosta de dizer, tudo "se conecta", em direção a uma unidade. Unidade que acaba resultando no que, em termos psicológicos, se chama "o arquétipo", a unidade arquetípica.

O que se sabe do raconto das *Mil e Uma Noites* é que Chahrzad contava histórias ao rei Chahryar. Este costumava matar as mulheres, depois do primeiro – e único – encontro de amor, encontro extremamente feliz, acredito, para o sultão, mas não para as mulheres, que seriam irremediavelmente mortas. E o fato de ela contar-lhe

¹. Jamil Almansur Haddad (1914-1988), além de renomado poeta, ensaísta e crítico literário, foi também médico psiquiatra. De sua obra poética, destacamos: *Al-Qamar, minha amante; Orações negras; Orações roxas; e Aviso aos navegantes*. De seu trabalho como crítico e ensaísta: *Revisão de Castro Alves*.

histórias, de maneira infinita, tem um sentido imediato de luta contra a morte e um outro sentido amplo, geral, social, político, o de evitar que acabassem tendo esse destino, outras mulheres, as mulheres de seu povo. De modo que Chahrzad se liga ao mito, digamos, à figura da mulher redentora, de que a história está repleta. O que faço – partir de Chahrzad e chegar aos dias contemporâneos – é possível porque este tipo de personagem é extremamente repetitivo, ou seja, em circunstâncias iguais de opressão e havendo pessoas de determinada conformação psicológica, a personagem destes tipos de heroína vem à tona.



É nesse sentido que a Ester bíblica se relaciona com Chahrzad. Porque o que aconteceu com Ester, de acordo com a Bíblia, é que o rei Assuero, um dia, chama sua mulher Vasti e ela simplesmente não atende ao chamado, cometendo, portanto, dentro do espírito do tempo, um crime grave: o da desobediência. Para a visão oriental – e, para o ciúme do macho oriental –, a desobediência é meio caminho andado, é meio adultério. A adúltera tem que ser castigada, como é o caso da pena bíblica da lapidação. Também a mágoa do rei Chahryar decorria da infidelidade das mulheres de que ele se sentia vítima. Mas, na história de Ester, o que se resolveu foi chamar os “assessores técnicos” do rei e, no caso, foi preciso buscar, por todo o país, virgens, dentre as quais fosse escolhida a sucessora da infiel. E, assim, houve requisição de mil virgens. Aí aparece a figura de Ester: ela faz o jogo da sedução, envolve o rei e salva, deste modo, as mulheres de seu povo.

Como podem ver, volta-se sempre ao mesmo tema: o da redenção, da salvação..., que confere a essas criaturas, um caráter de muita grandeza.

Na mesma linha de Chahrzad e de Ester, encontramos outra figura bíblica: a de Judite, que, para salvar seu povo, envolve, sexualmente, o rei Holofernes para matá-lo. Aliás, o que contemplamos na pintura é a imagem de Judite com uma bandeja, contendo a cabeça decepada do rei vencido, tal como aquela outra cabeça decepada que aparece nas documentações iconográficas: Salomé com a cabeça de São João Batista. Só que Judite está com o punhal, porque ela mesma decepou a cabeça, enquanto Salomé achou mais cômodo mandar que outro a decepasse por ela.

Enfim, essas mulheres são misto de Joana D'Arc, sedutora, com Mata Hari e seu complexo de espionagem, com a presença erótica de Afrodite: condensam em si toda uma gama que vai desde o amor até o sexo, em todas as variedades possíveis de amor (e, no caso, o amor sexual instrumentalizado, funcionalizado, em vista do tipo de atuação que assinalem).

E a Nicarágua? Na Nicarágua, num certo momento, realizava-se um baile, uma festa, em homenagem a um velho político. Aparece, de repente, uma jovem, querendo entrar no baile. Não tinha convite, mas o convite que tinha e o argumento que tinha era sua extraordinária beleza. E a moça entrou. Em seguida, chega o

companheiro dela, exclamando que, lá dentro, sua mulher o estava traindo (sempre o problema do adultério...). E deixam-no entrar. A bela nicaraguense tira, então, um revólver de seu seio; dá-o ao companheiro, que mata o político. Hoje, ele é herói nacional da Nicarágua.

Torna-se claro que essa herança, essa hereditariedade, a transmissão de comportamento desse tipo, transcende o âmbito individual, passional das criaturas, adquirindo caráter nacional, internacional, supra-temporal.

Ainda, na Nicarágua, outra personagem destas complicações que estão, todo dia, nos jornais, é Norita: moça muito bela, de difícil conquista. Uma certa figura importante da política nicaraguense apaixonou-se perdidamente por ela, até que, um dia, ela manda dizer a Juvenal que o ama. Juvenal aparece em casa de Norita e amigos dela incumbem-se do assassinato.

Esses problemas escapam, pois, do simplesmente literário e do estético e adquirem real grandeza.

Diante do rei Chahryar, a quem contava histórias, Chahrzad tinha uma intenção muito séria, do ponto de vista que estou destacando: evitar que suas companheiras de sexo fossem vítimas desse procedimento neurótico.

O que se nota é que ela submetia o rei a um certo tipo de psicanálise; só que, em vez de mandá-lo falar, quem falava era ela (esse é o recurso terapêutico novo, talvez os especialistas meditem sobre ele). Contava histórias e é possível que essas histórias contassem episódios em que o rei se sentisse identificado e deles extraísse lições que norteassem sua conduta.

Ela produziu um efeito terapêutico. Uma terapêutica pela poesia, terapêutica pelo canto; basicamente, terapêutica pela palavra, como existe a terapêutica pela música. Enfim, os contos das *Mil e Uma Noites* como método de cura... É possível que, por esse caminho, houvesse curado o rei. Os contos árabes, a poesia árabe têm sido pesquisados do ponto de vista da utilidade terapêutica.

Também – como é notório e sensível a qualquer pessoa que a ouça – a música árabe exerce ação hipnotizante, hipnógena, tal como a poesia pode exercer. Como se sabe, nas *qasidas*, ou seja, nos poemas clássicos árabes, o ritmo começou sendo aprendido a partir da marcha dos camelos. O camelo, quando anda, move, ao mesmo tempo, o membro anterior e o posterior, alternando o lado direito com o lado esquerdo. Isto dá uma espécie de ritmo, é uma marcha embaladora, como acalanto, como *berceuse*, que passa do andar do camelo para os ritmos poéticos. É algo que o ocidental não compreende.

É caso típico o da música: ao ouvir um disco, percebe que a melodia árabe é infinitamente repetitiva. Surpreende-se ainda mais, ao constatar que também a segunda face do disco apresenta a mesma melodia. Presente em tudo isso, aquele caráter hipnógeno, capaz de fazer adormecer. E a verdade é que a música transmite a letra e com esta meia-anestesia, este meio-adormecimento, as grandes mensagens acabam por ser transmitidas.

Voltando a Chahrzad, o ataque que ela faz ao rei dá-se por meio do verbo – esta é a realidade –, do bom poder hipnógeno do verbo e isso é muito árabe, é muito semítico, é muito das religiões... O verbo, o canto, a poesia, a oratória, a palavra realmente!...

Pela África, a certa hora, em certo momento político, os oradores falavam. Falavam em árabe literário, não em árabe popular, coloquial. E esse árabe literário, o povo não entende, mas eles ouviam, quietos. De repente, surgia uma palavra: *istiqlal*;

aí o povo vivava de entusiasmo, com uma palavra só (*istiqlal* significa independência)!. O povo não precisava de uma dissertação, não precisava de uma teoria. Bastava-lhe uma palavra, que movia os corações e as mãos.

Essa monotonia hipnógena é muito do caráter do oriental. O oriental não se aborrece com a monotonia. O ocidental é que impõe a fragmentação ininterrupta, que leva à não monotonia, que leva à diversificação.

O oriental prefere ver a igualdade que, basicamente, o deserto lhe dá.

A verdade é que o oriental é o homem do infinito e, portanto, o homem do mistério que se fecha como algo impenetrável, indevassável. Em vez de mistério, eu preferiria dizer **enigma**. O que distingue o enigma do mistério é que o enigma, realmente, tem solução, ao passo que o mistério, por definição, é insolúvel. Desde que se explique o mistério, ele simplesmente deixa de ser mistério.

Sempre, no Oriente, a repetição. A repetição que é a música, a repetição que é o arabesco, as frases que se repetem infinitamente. Em plano religioso e em plano místico, o *dhikr*: a repetição ininterrupta, pelos tempos infinitos, do nome de Allah, em que o crente se anestesia apenas com a repetição do nome de Deus, que leva ao êxtase, o que, em definição rápida, é o contato direto, imediato com Deus, dispensando intermediários.

Não é por acaso que o islamismo não tem sacerdotes que exerçam papel de intermediários. É certo que, nas mesquitas, o imame dirige a prece, mas, em tese, qualquer pessoa poderia fazê-lo, sem estar investida de caráter religioso.

Mas o mistério, o infinito leva a uma imersão na noite. É, por isso, que as histórias são contadas de noite; é por isso que Muhammad recomenda que o Alcorão seja lido de noite; e é por isso que a revelação é obtida na noite: a noite da Revelação. É por isso que, no calendário muçulmano, há a noite do *Qaddar* (predestinação), ou seja a noite do Destino. O Destino nosso é uma realidade noturna.

O *Ramadan*, com sua lua de *Ramadan*, evidentemente, é a noite. A viagem que faz Muhammad de Makkah a Jerusalém é a Viagem Noturna. E, ali adiante, na maçonaria, no carbonarismo, os olhos vendados, a persistência da noite. A noite das cavernas, a noite das grutas iniciáticas... .

Gruta de Nossa Senhora de Lurdes, com sua floresta de muletas e as mães pedindo a cura do filho paralítico.

As aparições das Virgens sucedem-se pelo mundo inteiro: a Virgem Aparecida. Nossa Senhora de Luján, argentina; Virgen del Cobre, em Cuba; Nossa Senhora de Guadalupe, no México. E, todas elas, virgens negras.

Aparece, aqui, um componente racial, que tem de terminar na valorização do moreno e do negro: pense-se no surto de islamismo negro, não só na África, mas mesmo nos Estados Unidos.

É importante este caráter negro, cuja propaganda estou fazendo. No Ocidente, dizemos “câmbio negro”, “mercado negro” e uma série interminável de expressões, em que se dá ao negro, sempre, uma acepção pejorativa, depreciativa, enquanto “branco” tem sempre uma carga de conotações favoráveis. Acredito que essa valorização literária do branco e essa depreciação do negro é uma manifestação a mais do racismo ocidental.

Negras, as grutas, as cavernas; negros, os úteros maternos. A mãe é negra. Está lá, em Muhammad, que o Paraíso está no joelho das mães. E a *'Ummah*, a coletividade árabe, tem a mesma raiz de mãe, *'Umm*; é uma realidade materna.

Esse complexo do infinito que aponte, que acaba em negro, que acaba em mistério, remete-nos à noção de tempo para os árabes, de que as *Mil e Uma Noites* é muito reveladora. O árabe vê o passado como um bloco homogêneo. E vê o futuro como um bloco homogêneo.

A verdade é que o que há de temporal nas *Mil e Uma Noites* é o contrário dessa atomização, dessa dissecação, dessa separação temporal do Ocidente, que inventou toda uma máquina de dividir o tempo (clepsidra, relógios e assim por diante, até chegar aos mecanismos atuais que medem centésimos de segundo). O contrário daquele complexo de infinito de árabes, de orientais, de todo o Oriente.

O Oriente é cousa muito igual. Parece que há uma homogeneidade oriental, que vai desde um Mediterrâneo libanês até o Japão, de modo que é difícil a imposição de critérios nacionalistas para explicar o que seja Oriente (a própria origem das *Mil e Uma Noites* é asiática, indiana...). Embora os contos das *Mil e Uma Noites* façam como que trajetória pelo mundo, é preciso não interpretar erradamente o fato de, por vezes, as histórias se repetirem. Este fato não significa, sempre, imitação de um modelo original, em que as mesmas histórias podem ser contadas em vários lugares, mas, sim, atendem à condição arquetípica oriental, de que estou falando. Pode-se ter, por exemplo, o oriente das *Mil e Uma Noites* emergindo em trânsito pela Pérsia. (A verdade é que o zende, língua em que foi vazada a linguagem de Zoroastro e o sânscrito são muito parecidas, como o são a Índia, a Pérsia, ou mais adiante, se quiserem, a Babilônia...).

A Babilônia, em geografia nossa, de nossos dias, corresponde a faixas do Iraque e a faixas da Pérsia. A Babilônia do exílio, da escravidão dos judeus. A Babilônia deve haver dado à religião, nesse cisma judaico, anjos, demônios, fantasias, seres imaginários que vinham vindo desde a Índia.

O que distingue estes seres fantásticos da Índia é que, lá, estes fantasmas têm dimensões desmesuradas, as dimensões do excessivamente grande. Nas transmigrações posteriores, no êxodo da História, as cousas se diminuíam, os fantasmas assustavam menos, porque eram menores.

Há, portanto, uma grande complexidade do Oriente que tem uma série infinita de berços. De um lado, a complexidade; de outro, uma facilidade que decorre da homogeneidade da condição horizontal. E, quando se fala do Oriente, no caso das *Mil e Uma Noites*, não deve escapar nem a China, porque a China – Tibete, principalmente – serve de base a interpretações esotéricas da última noite. Por esse lado chinês, é que as *Mil e Uma Noites* passam a participar das ciências ocultas.

E, assim, as *Mil e Uma Noites* admitem interpretações infinitamente variadas. E dependendo do especialista que trate do assunto, há variedades de perspectivas: para o sanscritista, o persianista, o sinólogo, que tendem a privilegiar o seu enfoque particular. Seja como for, há uma multiplicidade de ângulos, que vai até o infinito.

Nessa história, como entram os árabes? Vemos, na história de sua civilização, a incorporação de materiais alienígenas. A verdade é que os árabes receberam essas histórias – ou, em alguns casos, já as possuíam – e as arabizaram. Esse é o ponto fundamental. É nesse sentido que as *Mil e Uma Noites* é árabe; pela arabização do material recebido.

E, com isso, chegamos ao problema, digamos, árabe: o que é que havia, nisso tudo, de árabe de raiz, de árabe autêntico? A pesquisa dificulta-se exatamente pelo caráter infinito das *Mil e Uma Noites*, por não se tratar de livro de autor, conhecido ou não, e, tampouco, de autores. A origem das *Mil e Uma Noites* é nitidamente popular.

É nesse sentido que as *Mil e Uma Noites* adquirem maior grandeza. Essa ausência de cunho literário, para minhas análises mais precipitadas, poderia ser desfavorável, mas o caráter popular é que lhes dá mais grandeza. Seu caráter popular faz que mergulhem na alma do povo, em sua psicologia; e que mergulhem, principalmente, em um passado infinito, que mergulhem na pré-história, o que é de validade para o psicanalista, porque pode mergulhar em muitas de suas faixas insuspeitadas do inconsciente coletivo. Não por acaso, o inconsciente coletivo adota certos mitos.

Os árabes arabizam e, quando os textos vão para a linguagem ocidental, as traduções apresentam um problema dramático de validade. Lendo, por exemplo, a tradução de Mardrus, pode passar despercebido um fato fundamental. Mardrus, realmente, era sírio e um grande escritor de língua francesa, com um belo estilo. Mas, enquanto tradutor, quando traduz do árabe para o francês, enxerta cousas suas, ou suprime outras!...

Livros como as *Mil e Uma Noites* dão muita margem à mistificação literária. Os textos são, às vezes, em certa extensão, suprimidos: entra, aqui, o problema de censura. Edições censuradas das *Mil e Uma Noites* publicam-se até no Mundo Árabe. E aqui se situa um problema muito discutido: o da “pornografia” das *Mil e Uma Noites*. Esse problema não é de fácil solução.

As histórias de fundo sexual que, às vezes, se encontram nas *Mil e Uma Noites*, para o árabe, ou para o japonês, talvez, sejam muito naturais, não estão carregadas de malícia ocidental; ou seja, resvalam mais para o humorismo que para a noção do pecado cristão. Por outro lado, há a diferença de culturas: a mulher muçulmana tem de velar o rosto, mas não tem problema algum em exhibir os seios. Enfim, são outras categorias em jogo. Talvez, no seio, resida mais a maternidade do que o prazer sexual. De modo que esse aspecto erótico das *Mil e Uma Noites* tem de ser estudado com mais largueza de vista e mais imparcialidade.

Uma das histórias das *Mil e Uma Noites* é a de certa personagem que percorreu o país inteiro, à procura de uma virgem e não achou. Deve-se dizer, aqui, que o problema da virgindade no Oriente não é o mesmo que no Ocidente. Pelo menos, lendo o texto bíblico, esse culto da virgem, como decorre da Virgem Maria, parece que custou a aparecer. O que o oriental valoriza, em primeiro lugar, é a fecundidade feminina; portanto, a condição de mulher estéril é que era a pecha. Nos textos bíblicos, há, inclusive, a instituição social do levirato. Levirato é a instituição que impunha ao homem – enviuvando a mulher de seu irmão – o casamento com a cunhada. Ou seja, a mulher era muito defendida da condição de virgem solteira. Acho que a própria instituição da poligamia esteja ligada a isso: uma maneira que se encontra para as mulheres se casarem. E, ao que parece, o hebraico não tem palavra que signifique “solteiro”, pois casamento é posição religiosa e, na própria visão religiosa, quando se diz que o matrimônio é um sacramento, que o matrimônio introduz, por assim dizer, a graça do casal, vê-se que a Igreja, não por acaso, posiciona-se irredutivelmente contra qualquer dissolução do vínculo matrimonial.

Para finalizar, o que é que as *Mil e Uma Noites* ensinaram ao mundo? Isso é coisa séria, pois é o que determina que o mundo não pare, determina que o mundo não se estagne. As *Mil e Uma Noites* trazem a grande lição do Sonho.